

F.S.P. 17-OUT. 60

## ARTES PLÁSTICAS

José Geraldo VIEIRA

# A ESCULTURA CONCRETA

SE me vali de Pierre Francastel para explicar a pintura concreta, vou servir-me de Pierre Volboudt para explicar a escultura concreta. Ao tratar de Pevsner diz ele que o vazio adquire um valor essencial, consumando-se a ruptura da forma fechada. Que, pela abertura da forma, se estabelece, através da massa da matéria, a comunicação com o espaço e com a estrutura energética do universo. Que o espaço cessa de ser uma abstração, não sendo mais o lugar onde as formas repousam na aparência ilusória de um movimento petrificado. O espaço penetra a forma de todas as partes, forma essa que então se torna porosa à luz. O próprio espaço se torna forma e parte integrante da forma que nasce das relações entre as repleções e os vazios. Vem a ser uma figura composta de feixes de linhas e de eixos. E então os encontros e os desenvolvimentos dos planos resultantes engendram um organismo desdobrável donde a massa emana do vazio como uma projeção autónoma num espaço, tornando também matéria.

E, prosseguindo, Pierre Volboudt diz que dessa fusão do volume das formas e do volume do espaço, podem constituir a imagem despojada duma nova "realidade", cuja substância (por ser artística) se oferece e se nega como linha, plano, arborescência, imagem, signo, quadrados, elipses, concreções etc.

Ora, vemos muito bem isso nas esculturas aparentemente geométricas e prosaicas de Sacilotto, no seu jogo dos planos e dos espaços, ora em alternâncias, ora em fusões.

Mas Volboudt não fala nos materiais empregados, para isso devendo nós esquecer os materiais clássicos — gesso, pedra, bronze — e deter-nos nos materiais consentâneos com a vida de hoje e mais ligados à arquitetura — o ferro, o cobre, o alumínio, o vidro, o plexiglas etc. Como os leitores talvez pouco tenham visto da escultura de Gabo e Naum, pedimos venia para lembrar-lhes certas nomenclaturas: desenvolvimentos, tensões, limites, difrações, alternâncias, concreções etc.

Evidentemente, o escultor concretista não é um empírico, um retórico, um simbolista, um estatuario. É um conhecedor de trigonometria pelo menos, um interessado pela arquitetura, e tem sua estética vibrando dentro do diapasão da vida moderna. Trata mais das coisas, do

"habitat", da ambiência, do que do homem e dos símbolos. Trabalha para a paz do homem e para o seu conforto, e não quer traduzir em formas revoltas o desespero humano que tem ficado mais a cargo do teatro.

A escultura concreta é generosa, sadia e seu otimismo advém do Bauhaus e não de congressos ou coloquios metafísicos. É nova e atual, por isso se vale de materiais úteis. Resulta de uma ponderação e de uma confiança; não advém do escândalo

nem do desvalimento. Essa força olímpica, dionisiaca, na América do Sul, tem como realizadores plásticos de sua objetividade Kosice, Sacilotto e Fejer. Não se trata de estilização de elementos já classificados em virtude de uma experiência prática; e sim de uma verdadeira experiência dialética; provém do desenvolvimento das faculdades de realização hodierna, e sucede a formulas antigas, como em outras artes a chamada "nouvel vague".

arte contemporânea